

CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA 1998 N.º 17

HOMENAGEM AO DOUTOR J. M. PEREIRA DE OLIVEIRA



A NAZARÉ 45 ANOS DEPOIS... UM OLHAR BREVE PELO TERRITÓRIO

Fernanda Delgado Cravidão*
Lúcio Cunha*
António Campar de Almeida*

“Foi mesmo por este motivo, pela prioridade de valor, que sobre a indústria da pesca deitámos o nosso olhar; (...) pois na verdade a base da economia da vila e poderemos mesmo dizer do concelho, do ponto de vista administrativo, está na indústria da pesca.”

J. M. Pereira de OLIVEIRA (1955, p. 3)

INTRODUÇÃO

Em 1955, José Manuel Pereira de Oliveira apresenta a sua dissertação de Licenciatura em Ciências Geográficas com o tema: “*O Porto de Pesca da Nazaré. Subsídios para o estudo de um problema de economia regional*”. Conhecedor profundo deste núcleo de pesca e de veraneio, ligado a esta Praia por redes afectivas que atravessam a comunidade piscatória, os proprietários dos pequenos restaurantes locais e alguns veraneantes que anualmente se deslocavam à Nazaré, e mantendo laços com algumas conhecidas personalidades ligadas ao mundo da cultura que, também aí, procuravam a luz de um final de dia ou apenas o reencontro com amigos, a sua ligação com este núcleo piscatório e turístico ultrapassa largamente o âmbito do trabalho que apresentou em 1955.

A leitura, breve, que fizemos deste trabalho parece conduzir-nos a um sentimento comum: ao longo das páginas que escreve, o Autor parte da importância da pesca na vida quotidiana deste aglomerado populacional, para avançar com um conjunto articulado de argumentos para a construção de um Porto de Abrigo, cuja inauguração apenas virá a acontecer cerca de trinta anos passados, em 1982.

O que se pretende com esta pequena nota de homenagem é apenas revisitar, 45 anos depois, a Nazaré. Um olhar breve, que tenta traçar as principais linhas que ajudam a compreender a actual Geografia da Praia da Nazaré, seguindo de algum modo os temas que foram tratados, em 1955, por J. M. Pereira de OLIVEIRA.

ASPECTOS FÍSICOS DO TERRITÓRIO

Como era de esperar, as condições físicas da Nazaré, tal como as podemos encontrar bem apresentadas no tra-

balho de J. M. Pereira de OLIVEIRA, mantêm-se praticamente inalteráveis desde há dezenas de anos; o que pode ter mudado foi o acervo de informações e os modelos interpretativos que, entretanto, acompanharam o avanço das ciências que tratam os aspectos físicos do território.

O aspecto físico mais saliente é a ocorrência da grande escarpa, com mais de 100 m de altura e que é encimada pelos espessos calcários do Cretácico médio. Essa escarpa, com forte componente estrutural, pela acção da Falha da Nazaré, viria a ser afeiçoada de modo indelével pelo mar que dela fez arriba. Essa arriba, que se mantém viva do promontório até à praia, é funcionalmente morta para oriente desta, o que não obsta a que continue a evoluir. Há sinais evidentes da ocorrência de desabamentos e queda de pedras em tempos recentes, pela relativa frescura de blocos rochosos acumulados na base da arriba. Este facto obriga a pensar na escarpa da Nazaré também sob uma perspectiva de risco: em especial nos invernos mais húmidos ou nos dias de tempestades marinhas mais violentas, vindas do quadrante SW, pode haver uma certa probabilidade de se destacarem blocos rochosos da escarpa ou mesmo desabarem ou deslizarem massas rochosas que possam pôr em perigo pessoas ou habitações, posicionadas junto à base da escarpa. A ondulação na base da escarpa é particularmente violenta, quando vinda daquele quadrante, porque a existência de elevadas profundidades até muito próximo de si não permite a dissipação da sua energia, como acontece quando as plataformas são pouco inclinadas.

Neste sector da costa ocidental portuguesa, como, aliás, na maior parte dela, a deriva litoral verifica-se de Norte para Sul. Apesar da fraqueza das fontes aluvionares imediatamente a Norte e da acentuada diminuição do fornecimento de sedimentos por parte dos tradicionais alimentadores das praias, os rios do Norte do país, as areias em trânsito têm tendência a acumularem-se a barlamar do promontório da Nazaré. Deste modo colmatam as pequenas praias desenvolvidas na base de arribas que por vezes

* Centro de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

atingem algumas dezenas de metros. Do excedente sedimentar, que consegue ultrapassar o promontório, apenas uma pequena fracção alcançará as praias a Sul, já que o “canhão da Nazaré”, profundo vale submarino que penetra a própria enseada, vai absorver uma boa parte desses mesmos sedimentos (F. ABECASIS, 1997). Talvez por este facto, a praia da Nazaré não tenha sofrido significativo aumento com a construção dos molhes do porto de abrigo, na antiga embocadura do rio Alcoa, ao contrário do que tem acontecido com outros casos semelhantes.

A ondulação mais frequente na costa ocidental portuguesa verifica-se principalmente do quadrante entre Oeste e Norte, dirigindo-se de WNW em quase um terço dos dias do ano (J. J. R. CARVALHO e J. P. BARCELÓ, 1966). Resulta daí uma deriva litoral com direcção N-S. As excepções a esta deriva verificam-se imediatamente a Sul da foz dos rios Tejo e Sado, por causa das saliências dos cabos Raso e Espichel que induzem a refração e difração das ondas para um sentido SW-NE e, portanto, uma deriva S-N (ABECASIS, 1997). A saliência do esporão da Nazaré em relação ao alinhamento da sua praia tem um efeito semelhante, embora com uma amplitude menor. É provável que seja esta deriva S-N a responsável pela maior acumulação de areias em forma de língua perpendicular à praia que é denominada por “poço” (J. M. Pereira de OLIVEIRA, 1955), e que tanta importância tinha na saída dos barcos de pesca artesanal.

O desvio para Sul da embocadura do rio Alcoa, o principal fornecedor de sedimentos para este pequeno troço da costa, pode ter afastado a maior parte das aluviões daquele provável trânsito para Norte.

POPULAÇÃO

“Com 15 habitações no terceiro quartel do século XVIII” (J. M. Pereira de OLIVEIRA, 1955), a Praia da Nazaré conhece já no século XIX algum desenvolvimento, quer pela actividade piscatória e construção naval, mas também pela procura que progressivamente se vai acentuando, em busca de alguns dias de veraneio. De resto, e como se verá o turismo de Sol e Mar vai ser, a partir da segunda metade do século XX, o grande promotor do desenvolvimento que se verifica apesar da progressiva decadência da pesca em geral e da pesca artesanal, em particular. Este desenvolvimento manifesta-se em vertentes tão diversas como a alteração na estrutura funcional da vila, as alterações na estrutura da população activa, o ritmo sazonal do emprego, a própria paisagem urbana...

Numa rápida leitura da evolução da população (Quadro I) observa-se que o lugar da Nazaré representa sempre mais de 90% do total de indivíduos que residem na freguesia e mais de 60% dos do concelho.

Isto é, trata-se, sem dúvida, do núcleo mais importante da freguesia, o que de resto também sucede em relação ao concelho. Como exemplo refira-se que em 1991, no con-

Quadro I – Evolução da População no concelho, freguesia e lugar da Nazaré – 1911 a 1991

Anos	1911	1940	1960	1981	1991	Variação (%)	
						1911-91	1981-91
Concelho	10148	11525	13511	15436	15353	+51,3	-0,5
Freguesia	7017	7924	9189	10544	10491	+49,5	-0,5
Lugar	6678	7498	8520	9231	9626	+44,1	+4,2

Fonte: *Recenseamentos da População*. Anos de 1911 a 1991. INE, Lisboa.

celho residiam 15353 indivíduos e na Nazaré 9626, isto é, 62%. A restante população distribuía-se pelas freguesias de Valado de Frades (22,2%) e Famalicão (15,8%). Trata-se de um concelho onde, de facto, grande parte da população reside na Praia da Nazaré¹ que é, simultaneamente, o lugar em torno do qual gravitam quase todas as actividades económicas, sociais e culturais.

Por outro lado, e numa breve caracterização da população, em 1991 a população com idade compreendida entre 25 e 64 anos representava 50,3%, os jovens 20,2% e os idosos 13,6%, correspondendo a um índice de envelhecimento de 67,4, que se situa ligeiramente abaixo da média nacional (69,9). Apesar de não se poder considerar uma população muito envelhecida, não deixa de ser preocupante que 2584 indivíduos não saibam ler nem escrever, valor que estará relacionado com a população em idade mais avançada e portanto aquela que durante largo tempo teve na actividade piscatória a sua profissão principal. Este facto pode, de algum modo, ajudar a compreender a evolução que se operou nas actividades ligadas à pesca e que mais adiante se referirá. Acrescente-se ainda que segundo o Censo de 1991, no conjunto do concelho da Nazaré apenas 1423 pessoas (9%) tinham o ensino básico completo, o ensino complementar 458 (3%), o número de indivíduos com o ensino médio era de 114 (1%) e com um grau superior 39 (0,3%). Se tivermos em consideração a importância demográfica da Praia uma parte significativa desta população residirá no núcleo principal.

Relativamente à estrutura da população activa as alterações verificadas desde a publicação da dissertação de J. M. Pereira de OLIVEIRA são significativas, acompanhando, de resto, o modelo geral do país. Isto é, também aqui o sector terciário vai ser o grande empregador. “Em 1950 a população permanente era de 9500 almas, em que o número de pescadores era quase de 2000” (J. M. Pereira de OLIVEIRA, 1955, p. 3). As mudanças verificam-se, sobretudo, a partir da década de 60 (Quadro II).

Apesar da informação estatística não obedecer exactamente aos mesmos critérios, algumas mudanças significativas podem ser observadas: a perda de importância do sector primário, que muito ficará a dever à progressiva

¹ A freguesia da Nazaré inclui três lugares: Praia da Nazaré, o mais importante, Sítio e Pederneira.

Quadro II – Estrutura da População activa no concelho da Nazaré 1960 e 1991

	Total da população activa	Sector Primário		Sector Secundário	Sector Terciário
		Pesca	Agri-cultura		
1960	5235	1465	1373	1003	1394
1991	6500	931		2447	3122

Fonte: *Recenseamentos da População* de 1960 e 1991. INE, Lisboa.

desactivação da actividade piscatória – em 1960 representava cerca de 54% da população activa e em 1991 significa apenas 14,3%. A segunda alteração mais relevante é o significado do comércio e serviços em que 74% estão relacionados com a actividade económica. Esta dinâmica para além de se enquadrar no processo nacional, resulta, neste caso, das actividades ligadas ao turismo de veraneio, já que a restauração e similares têm, hoje, um peso significativo no emprego local, apesar de se tratar, frequentemente, de um emprego sazonal. Por outro lado a Nazaré está incluída na Rota do Sol e num triângulo que engloba também Fátima, Batalha e Alcobaça, sendo por isso, e praticamente durante todo o ano, um centro de turismo de passagem.

DA ACTIVIDADE PISCATÓRIA À ACTIVIDADE TURÍSTICA

Os problemas ligados à actividade piscatória, comercialização do pescado, construção do Porto de Abrigo que solucionasse parte das dificuldades de então, constituem as preocupações maiores de J. M. Pereira de Oliveira. Tentámos analisar o processo a que esteve sujeita depois de 1955. As dificuldades que encontramos são frequentemente as mesmas que aquele geógrafo refere: alteração de critérios das Estatísticas, lacunas de informação, diferente desagregação geográfica..., que provocam, quase sempre, dificuldades de cotejo. De qualquer modo, julgamos possível traçar o cenário em que se desenvolveu a actividade piscatória após 1955 e, particularmente, depois da construção do Porto de Abrigo em 1982.

Quadro III – Embarcações, tonelagem e valor do pescado no Porto da Nazaré de 1954 a 1995

	Nº de embarcações	Tonelagem do Pescado	Valor do pescado (1000 Esc)
1954	727	758	11754
1969	493	1164	11294
1980	367	1373	151941
1985	404	2373	421351
1990	-	3541	915415
1995	-	2122	978293

Fonte: Oliveira, 1955 e *Estatísticas da Pesca* – 1969 a 1995. INE, Lisboa.

Da evolução que se regista, o facto mais relevante é o aumento, até 1990, da tonelagem total do pescado sem que haja um acréscimo paralelo no número de embarcações, o que deverá significar uma maior produtividade na actividade piscatória. O desaparecimento, quase completo, da pesca artesanal e a substituição, ainda que actualmente se encontre em grave crise económica, por embarcações melhor equipadas e tecnologicamente mais evoluídas, explicará a dinâmica registada. Saliente-se, no entanto, que segundo informações recolhidas junto da Câmara Municipal, hoje observa-se uma quebra acentuada no número de embarcações. Os valores relativos ao preço do pescado relacionam-se quer com a dinâmica monetária quer com o processo de comercialização. Há já alguns anos aumentou a importância da Nazaré como centro de comercialização em detrimento da pesca. Grande parte do pescado é descarregado em Peniche e outros portos e depois transportado para a Nazaré de onde é distribuído para quase todo o país. Nesta circunstância pode perguntar-se para que se construiu o Porto de Abrigo? É evidente que a entrada de Portugal na União Europeia, as políticas de quotas que entretanto foram introduzidas, a concorrência com frotas melhor equipadas como a espanhola, por exemplo, trouxe a Portugal em geral e à Nazaré em particular graves problemas cuja solução não se vislumbra, apesar de Portugal ter uma importante Zona de Pesca Exclusiva. Infelizmente também a Nazaré sofreu alguns destes impactos de tal modo que está nas perspectivas dos responsáveis locais transformar parte do Porto de Abrigo em marina para embarcações de recreio. Isto é, também aqui a fazerem-se sentir os impactos da actividade turística.

Do ponto de vista da actividade turística pode talvez afirmar-se que mercê das suas características naturais e particularmente das condições do mar e da espectacularidade da paisagem, pelo facto de a atracção turística ser talvez mais precoce que noutras áreas, por ter sabido manter desde há muitos anos uma coexistência e mesmo uma relação de complementaridade e mesmo de sinergia entre as actividades piscatórias mais tradicionais e as actividades turísticas, por estar integrada na chamada “Rota do Sol”, itinerário de circulação intensa de viajantes atraídos pelo valioso património natural e arquitectónico da região, a Praia da Nazaré tem visto o número de visitantes e de turistas nacionais e estrangeiros aumentar progressivamente, com reflexos significativos nas economias, no ordenamento do território, no ambiente, etc.

No entanto, ao aumento registado durante os anos setenta e oitenta, sucede-se uma quebra na década de noventa bem manifestada tanto na redução da oferta de alojamento como no número de hóspedes oficialmente registados na praia que, de 1990 para 1995, decresceu mais de 25%.

Apesar da especificidade que a Nazaré manifesta no conjunto das praias da costa ocidental portuguesa, alguns dos problemas gerais da actividade turística desta costa estão também aqui bem presentes.

Quadro IV – Evolução recente do fenómeno turístico no concelho da Nazaré

	Nº Est.	Nº Quartos	Cap. Aloj.	Pessoal ao Serviço	Nº Hóspedes	% Estrangeiros	País em 1º lugar (% do total de hóspedes)
1981	11	282	682	60	24486	75,2	Espanha (42%)
1985	15	318	719	62	25364	74,5	França (28%)
1990	14	301	646	140	27885	72,0	França (26%)
1993	12	270	667		21619	69,3	Espanha (19%)
1994	13	301	615		23426	62,5	Espanha (16%)
1995	12	264	563		20601	58,8	França (14%)

Fonte: *Estatísticas do Turismo e Anuários Estatísticos da Região de Lisboa e do Vale de Tejo*. INE, Lisboa.

É o caso da forte sazonalidade inerente ao Turismo de Sol e Mar no nosso país e particularmente à sua fachada ocidental, com todo o cortejo de impactes negativos que decorrem da forte concentração de veraneantes² e de actividades relacionadas com a sua estadia num curto período de dois a três meses (L. CUNHA e F. CRAVIDÃO, 1997).

Para além das situações de poluição hídrica e do espaço urbano resultantes do desajustamento entre as infra-estruturas e a forte concentração de pessoas registada nos meses de Verão, deverão referir-se também a deficiente cobertura ou o rápido congestionamento dos serviços de saúde, de telecomunicações, de recolha de lixo, de saneamento ou de abastecimento de água, assim como dos próprios serviços de natureza comercial prestados directamente aos veraneantes, como os serviços de bar e restaurantes, etc.

A reforçar a ideia de alguma fragilidade e de pouca “sustentabilidade” com que este sector económico se está a desenvolver na Nazaré, está a situação da oferta de alojamento com um peso extremamente significativo da oferta paralela. Tradicional na Nazaré, a oferta paralela excede largamente a oferta oficial de alojamento turístico. Segundo registos da Câmara Municipal existem disponíveis para aluguer 526 quartos (praticamente o dobro daqueles que estão disponíveis no mercado oficial)³. Se atendermos à dimensão média e às próprias condições de salubridade da generalidade das residências dos pescadores do núcleo central e mais antigo da cidade, ao facto de em muitas destas habitações se construírem de forma semi-clandestina anexos com o objectivo de fazer crescer o magro orçamento familiar através do aluguer de quartos durante a época de veraneio, facilmente se compreendem os constrangimentos registados ao nível da oferta de alojamento, em especial ao nível da sua qualidade.

Outro constrangimento significativo está na reduzida dimensão dos programas de animação cultural oferecidos na Praia, mesmo durante os períodos de Verão.

De qualquer modo o turismo tem uma importância significativa e por ele passarão certamente algumas das estratégias de desenvolvimento para a área.

CONCLUSÃO

Revisitar a Nazaré 45 anos após o trabalho de Pereira de Oliveira deixa-nos a sensação de que o muito que na paisagem permanece aparentemente semelhante esconde transformações económicas e sociais profundas, com progressiva passagem de actividades ligadas ao sector primário e, mais particularmente, à pesca, para actividades ligadas sobretudo ao sector terciário e particularmente ao turismo. O mesmo que aconteceu em todas as pequenas povoações de pescadores do litoral português!

De facto, confrontando as fotografias da Praia tiradas do Sítio por Pereira de Oliveira, com as que agora podem ser registadas, verifica-se que a mancha geral é a mesma. Alguns prédios em altura a mais, sobretudo no sector meridional da povoação e, obviamente, o Porto de abrigo. No entanto esta infra-estrutura, construída mais de um quarto de século depois do apelo deixado pelo Professor de Geografia, terá chegado talvez tarde demais, dada a derrocada que a actividade piscatória tem vindo a registar, tanto a nível artesanal como essencialmente a nível empresarial ou industrial.

Hoje a Nazaré encontra-se numa posição de encruzilhada. No entanto, pensamos estar numa posição que deve ser encarada de modo mais optimista do que a de muitas das pequenas povoações litorais do Oeste português. Apesar de a actividade piscatória se encontrar em declínio, de a actividade turística começar a denunciar alguns problemas que urge resolver, a Praia da Nazaré e o seu concelho reúnem um conjunto diversificado de recursos (naturais e humanos) que podem ajudar ao seu desenvolvimento harmónico. Algumas das estratégias para este desenvolvimento passarão certamente por uma requalificação das estruturas já existentes, onde a actividade turística poderá desempenhar uma função fundamental. Neste sentido, devem ser tomadas medidas cujos objectivos deverão obedecer a

² Durante os meses de Verão a população da Nazaré vê o seu número triplicar ou mesmo quadruplicar. Nalguns fins de semana do mês de Agosto chegam a juntar-se na Praia cerca de 100 000 pessoas.

³ Segundo informação oral do senhor Arquitecto Paulo Contente da Câmara Municipal da Nazaré, a quem muito reconhecidamente agradecemos toda a disponibilidade que manifestou, este número poderá atingir o milhar nos meses de Verão.

critérios cuja preocupação prioritária passará sempre pela melhoria dos serviços prestados. Nomeadamente na hotelaria, para superar o peso excessivo de uma oferta paralela, de qualidade frequentemente duvidosa; na diversificação da animação cultural e particularmente na organização de eventos fora dos meses de maior concentração demográfica; num aumento de capacidade de informação e de promoção turística com campanhas de marketing em que seja promovida, fora e dentro do país, a imagem da Nazaré.

No entanto, como a actividade turística, pela própria lógica que a rege, é uma actividade significativamente vulnerável, torna-se necessário que outros suportes económicos se lhe juntem na procura de um desenvolvimento equilibrado, capaz de gerar emprego, riqueza e qualidade de vida, mobilizando a população local e, sobretudo, fixando os jovens. Assim, pensamos, de acordo, aliás, com o preconizado no Plano Director Municipal da Nazaré, que este desenvolvimento passa, também, pela valorização da pesca artesanal e das sinergias dela decorrentes; pelo incremento da actividade industrial, com particular apoio a unidades de baixo impacte ambiental; pela melhoria da rede viária de modo a facilitar a inserção da Praia e do concelho no seu espaço regional, sempre com o objectivo de potenciar condições que conduzam a uma melhoria da qualidade de vida das populações locais e daquelas que procuram na Nazaré algum tempo de lazer.

BIBLIOGRAFIA

- ABECASIS, Fernando (1997) – “Caracterização geral geomorfológica e aluvionar da costa continental portuguesa”. In Associação Eurocoast-Portugal – *Colecção de Ideias sobre a Zona Costeira de Portugal*, Porto, pp. 9-24.
- Anuário Estatístico da Região de Lisboa e Vale do Tejo*, 1994 e 1995. INE, Lisboa.
- CARVALHO, J. J. R. e BARCELÓ, J. P. (1966) – *Agitação marítima na costa oeste de Portugal metropolitano. Contribuição para o seu estudo*. LNEC, Memória nº 290, 33 p. + anexos.
- CUNHA, Lúcio e CRAVIDÃO, Fernanda (1997) – “Tourism and environmental degradation on the west coast of Portugal”. In MACHADO, J. R. e AHERN, J. – *Environmental challenges in an expanding urban world and the role of emerging information technologies*. CNIG, Lisboa, pp. 113-116.
- Estatísticas da Pesca*, 1969 a 1995. INE, Lisboa.
- Estatísticas do Turismo*, 1981 a 1993. INE, Lisboa.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira (1955) – *O Porto de Pesca da Nazaré. Subsídios para o estudo de um problema de economia regional*. Diss. Licenciatura. Coimbra.
- Recenseamento da População*, 1911 a 1991. INE, Lisboa.